

# A Estufa dos Economistas

**D**a situação argentina, conforme se conclui da reportagem publicada domingo, dia 10, no **JORNAL DO BRASIL**, tiram-se duas conclusões. A boa é que a inflação caiu a um ponto próximo do zero, coisa que não se via pelo menos no último quarto de século. A ruim é que o desemprego aumentou de 7% para quase 11%.

Os economistas exultam, já que o plano de dolarização é típico de economistas, com seu sucesso macroeconômico, ajuste fiscal, crescimento do PIB e reaquecimento da taxa de investimento. Mas a contrapartida, o preço a ser pago, preocupa observadores: as consequências sociais e políticas de um plano nascido na estufa dos economistas sem considerar que a pobreza crônica na Argentina continua atingindo 15% da população, ou cerca de 5 milhões de pessoas — cifra expressiva num país de apenas 32 milhões de habitantes.

Fazendo eco à euforia dos economistas, o presidente Menem afirmou que “a Argentina chegou ao Primeiro Mundo”, frase reproduzida todos os dias às sete horas da manhã pela rádio Mitre. Na Argentina, como no Brasil, a queda da inflação é sempre canalizada para vantagem eleitoral do governo, tal como aconteceu no Plano Cruzado brasileiro em 86 (por sinal copiado do Plano Austral) e agora na eleição legislativa argentina. Como a memória do povo é curta, há lugar para manipulações, o que confirma o veredicto do economista francês Yves Laulan de que existe um país real e um país das estatísticas quando se fala de Brasil (ou Argentina).

O outro lado da moeda é que a economia das estatísticas não é confiável. Fora do congelamento, que já se mostrou inviável a médio prazo em vários lugares, os economistas prometem baixar a inflação, mas não conseguem, exatamente por lhes faltar perspectiva política sem a qual não se reúne condição para consenso.

Fora da “verdade econômica” de que fala Laulan, não se recupera um país, pois inflação significa mentira. Uma economia só

funciona quando é verdadeira. E ela é verdadeira quando se conhece o que se passa por trás das estatísticas, como a do desemprego, a do déficit orçamentário... A tentação do “rolo cambial” em que os argentinos se meteram é grande para aqueles que sonham com fórmulas milagreas, sem prever as consequências sociais dos atos fortes destituídos de sensibilidade social.

No Brasil, a História recente mostrou que os economistas caracterizados por retórica privatizante atuaram como estatizadores quando estiveram no poder. E, mais do que isto, sua política econômica esteve sempre desvinculada de qualquer preocupação social. Para eles, a população é um laboratório aberto a experiências livrescas, e não foram raros os desastres sociais provocados por economistas mais preocupados com o que está escrito no manual do que com efeitos nocivos. A própria economista Maria da Conceição Tavares reconhece que, “todas as vezes que os economistas tiveram algum tipo de poder de decisão, os resultados não foram bons”.

Países como Brasil, Argentina e México só não foram completamente arruinados pelos economistas porque um país não quebra, como uma empresa, embora provoque sofrimento incontável para vastas camadas da população sujeitas aos humores de planos, pacotes, remendos. Os economistas já deveriam ter descoberto que suas teses, por mais consistentes que sejam, ou pareçam ser, sozinhas, não levam a nada. Há os que crucificam o déficit público como principal culpado pela inflação. Outros acusam o mecanismo de inércia. Talvez um dia eles compreendam que qualquer política de estabilização tenha de atacar as duas frentes. O aprendizado disto tudo, no Brasil de agora, como na Argentina, custa caro para a população — nunca para os economistas.

O dique que não estoura hoje pode estourar a qualquer momento.